

ISAÍAS CARLOS FUEL*
LÁZARO MABUNDA**

MÍDIA E REPRESENTAÇÃO DO CONFLITO EM CABO-DELGADO PELA TVM E TV MIRAMAR

Resumo: A mídia tem um papel central de disponibilizar informações de interesse público sobre conflitos militares, assim como garantir uma cobertura que tem um potencial de influenciar a opinião pública. Porém, a sua cobertura é descrita como um processo que mina os princípios que norteiam a actividade jornalística, na medida em que os conteúdos disseminados não respeitam os princípios de permitir que as vozes envolvidas nos conflitos sejam ouvidas. Nesta pesquisa analisa-se 19 reportagens TVM e Tv Miramar publicadas no youtube. Partiu-se do pressuposto de que os meios de comunicação usam várias formas linguísticas e discursivas para reportar a realidade social, um processo que é influenciado pelos seus estatutos editoriais, da ideologia do proprietário e do contexto político e económico num determinado tempo e espaço. Os resultados mostram que no contexto moçambicano, as televisões em análise desempenham um papel central na disseminação de conteúdos referentes ao conflito em Cabo-Delgado. Todavia, a construção noticiosa sobre o conflito em estudo revelou-se tendenciosa, na medida em que os conteúdos das matérias são publicados sem o respeito a presença das diferentes vozes envolvidas no conflito, limitando-se a apresentar as vozes governamentais e fontes populacionais que suportam a narrativa hegemônica. A cobertura

* Docente da Escola Superior de Jornalismo

** Docente da Escola Superior de Jornalismo

informativa sobre o conflito é marcada pela tensão entre os mídia (Direito à Informação) e as autoridades governamentais (culto de segurança) o que se reflete na qualidade da informação veiculada. Destacar, ainda, que o contexto político mina este processo pela existência de vozes governamentais que sublinha a necessidade de proibir a mídia de disseminar informações referentes a este conflito.

Palavras Chaves: *significados; discurso, conflito militar; Cabo-delgado; Jornalismo.*

Abstract: The media play a central role in providing information of public interest about military conflicts, coverage that has the potential to influence public opinion. However, its coverage is described as a process that undermines the principles that guide journalistic activity, insofar as the disseminated content does not respect the principles of allowing the voices involved in the conflicts to be heard. This research analyzes 19 reports published by TVM and Tv Miramar. It was assumed that the media use various linguistic and discursive forms to report social reality, a process that is influenced by their editorial statutes, the owner's ideology and the political and economic context in a given time and space. The results show that in the Mozambican context, online newspapers and television play a central role in the dissemination of content related to the conflict in Cabo-Delgado. However, the news construction on the conflict under study proved to be biased, insofar as the contents of the articles are published without respecting the presence of the different voices involved in the conflict, limiting themselves to presenting the governmental voices and population sources that support the hegemonic narrative. The informative coverage of the conflict is marked by the tension between the media (Right to Information) and government authorities (security cult), which is reflected in the quality of the information transmitted. It should also be noted that the political context undermines this process due to the existence of government voices that underline the need to prohibit the media from disseminating information regarding this conflict.

Keywords: meanings; speech, military conflict; Cabo-Delgado; Journalism.

INTRODUÇÃO

O artigo analisa a representação midiática do conflito militar em Cabo Delgado, Moçambique, pela Televisão de Moçambique (TVM) e Televisão Miramar. Em Moçambique desde o dia 5 de outubro de 2017 assiste-se na província, nortenha, Cabo-Delgado, ataques violentos por um grupo de insurgentes. O grupo tem assumido em audiovisuais como membros do Alshabab. Este conflito tem ganhado importância central na mídia como resultado das consequências nefastas nas comunidades, mais também pelo lugar que Moçambique ocupa no cenário internacional com a descoberta de petróleo na bacia do Rovuma.

A presente pesquisa foca na questão do conflito militar, pois os conflitos mobilizam diferentes sectores da sociedade como forma de unir esforços na prevenção e combate do fenómeno. A mobilização da mídia resulta do fato deste adicionar uma mais valia na visibilização do conflito e através disso alertar e emponderar a opinião pública nacional e internacional.

A presente pesquisa está estruturada em quatro momentos: o primeiro inclui a presente introdução, notas breves sobre o conflito militar em Cabo Delgado e o contexto mediático moçambicano; o segundo momento aborda a relação entre mídia e conflito militar e breves notas sobre a teoria da representação. O terceiro momento, centra-se nos procedimentos metodológicos; finalmente, o artigo foca na análise das reportagens produzidas pelas três televisões.

NOTAS BREVES SOBRE O CONFLITO MILITAR EM CABO DELGADO

Desde o dia 5 de outubro de 2017 a vila de Mocímboa da Praia foi atacada por um grupo armado que viria a ser denominado de terroristas de Alshabab começaram a surgir as primeiras possíveis explicações ao fenómeno. A primeira explicação apontava para conflito entre etnias macondes e mwanis, estes últimos tidos como marginalizados pelos primeiros. A sociedade civil associava o surgimento de terrorismo com a aproximação do início da exploração de gás em Palma, pois, o conflito resulta da revolta da população local, sobretudo dos pescadores e jovens contra a usurpação de terra pelo Estado e pelas multinacionais (OSORIO; SILVA,2018). Houve quem considerou o conflito de manifestação religiosa de islamismo radical contra os cristãos. A versão governo de Cabo Delgado era de que se tratava de um conflito dentro do islão. O primeiro estudo exploratório produzido por Habibe, Forquilha e Pereira (2018) apresentou a pobreza, desemprego, baixa escolaridade, exclusão social como factores possíveis responsáveis pela adesão dos jovens ao grupo terroristas.

Aquilo que parecia uma simples manifestação de um grupo de cidadão transformou-se num conflito armado violento que, em pouco tempo, se alastrou por toda a parte norte da província de Cabo Delgado. Hoje, passados cinco anos, os factores da eclosão do radicalismo islâmico continuam por explicar. Pois, desde a eclosão do conflito a província de Cabo Delgado assiste transformações sócio-economicos e políticos consideráveis.

CONTEXTO MIDIÁTICO MOÇAMBICANO NA COBERTURA DO CONFLITO

Desde a eclosão do conflito militar em Cabo Delgado a comunicação social experiênciam um ambiente de extrema hostilidade caracterizado por ameaças, detenções, raptos e desaparecimento de jornalistas. O

acesso às zonas de conflito pelo jornalista fechou-se. A dificuldade dos órgãos na cobertura do conflito é mais problemática para alguns órgãos privados. Como resultado há ameaças claras aos profissionais que recorrem a fontes alternativas para divulgar informação.

A primeira manifestação de desconforto de actores estatais, foi feita pelo o presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Parques de Ciência e Tecnologia, Julião João Cumbane, que aconselhou, na sua conta pessoal do Facebook, o Estado Maior General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), o Comando Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM) e o Serviço de Informação e Segurança do Estado (SISE) a conjugarem inteligência e ações enérgicas mesmo as extralegais contra o que chamou de “notícias’ miserabilistas que desmoralizam as Forças de Defesa e Segurança (FDS), que combatem os ataques por procuração nas regiões Norte e Centro de Moçambique” (Carta, 2022).¹

No mesmo ano, o Chefe do Estado, Filipe Nyusi, veio reforçar a preocupação em tom de crítica aos meios de comunicação social, o que foi visto pelos jornalistas e por algumas organizações de sociedade civil como segunda clara ameaça vindo de actores estatais aos jornalistas. Nessa comunicação, o Presidente da República, disse, sem relevar os nomes dos meios de comunicação social, que

Preocupa-nos, também, que nesta saga de distorção da realidade na divulgação de irrealidades, estarem a ser utilizados alguns órgãos de informação, que ao invés de pautarem pelo profissionalismo, acabam, deliberadamente ou inocentemente, agindo em vantagem dos inimigos ou dos terroristas. (Carta, 2022)

Neste contexto, o Comandante em Chefe das Forças Armadas Nyusi alertou ao exército para que esteja vigilante e pronta para agir, por forma a “não ser denegrida, deliberadamente” (Carta, 2020)³.

³ Carta de Moçambique (2020). CDD condena ameaças de silenciamento de

Muito recentemente, Egídio Vaz (2022), uma figuras próximas aos corredores do poder, acusou, no seu mural do Facebook, alguns jornalistas de estarem associados aos financiadores do terrorista. De acordo com Egídio Vaz (2022), há um “grupo de jornalistas bem identificados, associados aos financiadores, que empolam as actividades terroristas em Moçambique”. As duas mensagens de Egídio Vaz (2022), publicadas nos dias 7 e 8 de setembro de 2022, emitem uma ameaça aos jornalistas que cobrem o conflito em Cabo Delgado.

Como resultado do posicionamento, acima, assiste-se uma relação de tensão na cobertura do conflito de Cabo-Delgado que teve seu início nos finais de 2017, quando um jornalista zimbabweano foi detido. No ano seguinte, foram detidos pelos militares, em Mocímboa da Praia, o jornalista Estácio Valoi e o pesquisador da Amnistia Internacional, David Matsinhe e o seu respectivo motorista. Em princípio de 2019, dois jornalistas da Rádio Comunitária de Macomia, nomeadamente, Amade Abubakar e Germano Adriano foram detidos pelos militares. Em abril de 2020, foi raptado (até hoje se desconhece o seu paradeiro), em plena vila de Palma o jornalista da Rádio Comunitária Local, Ibrahim Mbaruco (MISA Moçambique, 2021).

MÍDIA E CONFLITOS MILITARES

Atualmente, pesquisas que buscam entender a relação entre mídia e os conflitos militares têm ganhado espaço no campo da comunicação. De acordo com Nhanale e Nhandumbo (2018), esta temática ganha mais espaço no século XX e duas perspectivas estão em pauta. A primeira consistia na produção de informação, de modo a informar ao público com verdade do que está a acontecer com

jornalistas que reportam ataques armados em Cabo Delgado. in <https://cartamz.com/index.php/crime/item/4422-cdd-condena-ameacas-de-silenciamento-de-jornalistas-que-reportam-ataques-armados-em-cabo-delgado>

objectivo de mobilizar soluções para o problema. A segunda focava na manipulação e gerando parcerias com as partes em conflito.

Há um consenso entre investigadores que a segunda perspectiva se evidencia mais nas reportagens de conflitos militares. A esse respeito, Knightley (2004, apud Nygren, Gunnar. 2016, p. 2, tradução nossa), argumenta que em tempos de conflitos militares a mídia promove uma guerra psicológica. Aponta-se como exemplo, “a mobilização da opinião mundial que a mídia desenvolveu para legitimar a guerra do Golfo em 1991-1992 com ajuda das firmas de relações públicas⁴.” Esta tese é suportada por Robinson (2004), quando argumenta que na cobertura dos conflitos militares os meios de comunicação tendem a colocar em causa alguns fundamentos jornalísticos, isto se tomado em conta que diante de um conflito, militar ou não, a narrativa jornalística deve apresentar todas as vozes em conflito. Advoga este autor que este princípio é colocado sob pressão quando se está numa situação de conflito militar, pois o jornalista se vê numa situação de ter que suportar um dos lados. Na mesma linha de pensamento Ndlovu (2016) argumenta a luz do papel que a mídia desempenhou aquando do massacre designado Gukurahundi que teve lugar no Zimbabwe em 1987. Neste massacre a Fifth Brigade lançou um terror nas comunidades falantes de Ndebele cometendo atrocidades tais como: matança, torturas, violações, pressões em massa e raptos. Segundo este autor, enquanto isto acontecia o jornal *Chronicle*, sob controle do estado, baseado em Bulawayo, propagou um discurso governamental de difamação dos “dissidentes” e, portanto, quase silenciaram sobre as atrocidades cometidas entre civis pela Fifth Brigade.

De acordo com Robinson (2004), há cinco razões que justificam o facto de jornalistas atropelarem alguns princípios consagrados no jornalismo. A primeira consiste em o jornalista confiar nas fontes governamentais na construção das notícias, pois, existe uma

⁴ do original- when it mobilized world opinion before the Gulf War in 1991-1992 with the help of public relations firms

“necessidade de fornecer um fluxo constante e rápido de notícias, combinada com o vasto aparato de relações públicas do governo e interesses poderosos. De forma mais ampla, significa que os jornalistas tendem a se tornar fortemente dependentes dos funcionários públicos ao definir e enquadrar a agenda de notícias”⁵. (Robinson, 2004, p.97, tradução nossa), o que coloca em causas não só os princípios do contraditório ou de verificação da veracidade dos factos, como, acima de tudo, a independência jornalística, defendidos por Kovach e Rosenstiel (2004). A segunda razão consiste na ideia de que durante determinada ideologia “actua como um mecanismo de controle, fornecendo aos jornalistas um modelo para entender os eventos globais, bem como fornecendo às elites políticas uma poderosa retórica para criticar como antipatriótico qualquer pessoa que questionou a política⁶. (Robinson, 2004, p.97, tradução nossa).

A terceira razão consiste na defesa ao nacionalismo e ao desejo de “apoiar nossas tropas”. De acordo com Robinson (200, p. 98, tradução nossa), este fenómeno é limitador “da reportagem crítica por meio da própria resposta patriótica dos jornalistas e editores à acção militar, bem como do desejo dos meios de comunicação de reflectir o patriotismo exibido pelo público”⁷. Na quarta razão, o autor argumenta que esta surge porque “quando o material controverso é transmitido,

⁵ Do original- The need to supply a steady and rapid flow of “important” news stories, combined with the vast public relations apparatus of government and powerful interests more broadly, means that journalists tend to become heavily reliant on public officials when defining and framing the news agenda.

⁶ Do original- acted as a control mechanism by providing journalists with a template with which to “understand” global events, as well as providing political elites with a powerful rhetorical tool with which to criticize as unpatriotic anyone who questioned US foreign policy

⁷ Do original- This phenomenon can be understood to limit critical reporting through journalists’ and editors’ own patriotic response to military action as well as the desire among media outlets to reflect the patriotism displayed by the public.

gera um grau desproporcional de indivíduos ligados a interesses poderosos, incluindo ‘spin doctor’ do governo⁸.” A última razão consiste no tamanho, propriedade e orientação para o lucro dos meios de comunicação de massa em articulação com os interesses comuns com as diferentes corporações que criam um conflito de interesses entre os princípios do jornalismo, as elites ou governo do dia. Esta razão para o contexto moçambicano ajusta-se na medida em que depois da assinatura dos acordos gerais de paz surgiram muitos jornais que para além de serem independentes do governo, também passaram a defender ideais dos partidos da oposição e buscar através das notícias lucros para suportar a produção noticiosa.

Tomando as cinco razões, acima, que norteiam o jornalismo na cobertura de conflitos militares na actualidade pode-se afirmar que este tipo de jornalismo não promove um jornalismo que busca soluções. Pois, foca na guerra, isto é, foca na vitória de uns (“nós”) contra a derrota de outros (“eles”). A este respeito, Lynch e McGoldrick (2007) falando do jornalismo de paz, argumentam que os editores em situações de guerra devem fazer escolhas do que e como relatar todo esse processo, mas objectivando criar oportunidades para a sociedade considerar e valorizar a não violência como resposta aos conflitos. Além disso, no jornalismo de paz o impacto social e a qualidade do conteúdo são mais valorizados do que o interesse económico de determinados grupos. (Salinas, 2014).

IDEOLOGIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Os discursos jornalísticos são crenças sociais partilhadas e não opiniões individuais. (Correia, 2009). Argumenta este autor que estas

⁸ Do original- when controversial material is aired it generates a disproportionate degree of “flak” from individuals connected with powerful interests including government “spin doctors.

não têm que ver com aspectos secundários da vida quotidiana, mas com temas relevantes para um grupo ou para a sua existência. Aponta, ainda, que as ideologias no discurso jornalístico se caracterizam pela sua função de garantir a coesão, cooperação dos membros de um grupo e do próprio grupo enquanto tal. Por outro lado, asseguram que os participantes do grupo possam agir da mesma maneira em circunstâncias similares, especialmente em situações de competição ou ameaça que possam conduzir à desintegração ou à derrota do grupo. Corroborando, Freitas (1999) argumenta que a enunciação carrega um forte carácter ideológico, tendo por trás como elementos básicos o poder e o desejo. Porém, tais intenções não são ditas explicitamente, havendo a necessidade de se buscar o sentido oculto dos enunciados de um dado discurso, que por ser polissêmico, polifónico é constituído de subentendidos e pressuposições, muitas vezes a intenção real do anunciante não está no que foi dito e sim no não dito. A esse respeito, Cyrre (2013) acredita que a secção de política dos jornais manifesta, de forma mais explícita, as formações ideológicas dos sujeitos envolvidos no espetáculo criado pela imprensa.

Para Oliveira e Magalhães (2015), o discurso jornalístico opera dentro de um quadro de regras e convenções que estruturam e orientam o enunciado a ser produzido pelo jornalista. O campo jornalístico, embora defenda ser um espaço de neutralidade baseado na sua função social de informar, revela a partir de seus discursos os embates ideológicos, as pressões sociais e os posicionamentos dos sujeitos. É dentro destes embates que Schwaab e Zamin (2014) apontam que os discursos jornalísticos funcionam como um reforço para certas práticas de união, exclusão, desigualdades e opressão. Assim, pode-se entender que a imparcialidade na actividade jornalística é problemática, principalmente na editoria de política, porque as notícias significam a partir de interesses políticos, interpretando a partir de formações discursivas e no movimento de consolidação de sentidos de uma memória dita como “oficial”. (Affonso, 2010).

BREVES NOTAS SOBRE A TEORIA DA REPRESENTAÇÃO

A questão da representação é descrita como crucial no estudo da cultura. Pois a representação é o processo pelo qual os significados são produzidos e partilhados pelos membros de uma determinada comunidade. (Hall, 2016). De acordo com Stuart Hall (2016), existem três perspectivas de teorias da representação: a reflexiva, a intencional e a construtivista. No que se refere à abordagem reflexiva, esta parte da premissa de que a ideia de que o sentido está no “objecto, pessoa, ideia ou evento do mundo real, e a linguagem, nesse processo, funciona como um espelho para reflectir a verdadeira realidade. Significado como já existe no mundo” (Hall, 1997:24).

Já a teoria da representação intencional sustenta que “é o falante ou o autor que impõe seu significado único ao mundo por meio da linguagem” (Hall, 1997:25). Para Hall (2016), essas duas abordagens são inadequadas para explicar a produção de significados, pois nem as coisas em si nem os usuários individuais da linguagem podem fixar significados. Corroborando com esse entendimento, esta pesquisa enfatiza a perspectiva construtivista. Nessa abordagem, a representação é parte central do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma determinada cultura. Hall (2016) concebe a representação como um processo pelo qual os membros de uma comunidade, de um jornal, rádio, televisão, etnia, religião, etc., dentro de uma cultura, usam a linguagem para dar sentido a objectos, pessoas, eventos, etc. Nesse entendimento, esse autor enfatiza que o significado não é fixo, final ou verdadeiro, pois são os indivíduos dentro de sua cultura que significam as coisas. Com isso em mente, não há garantia de que o mesmo evento seja igualmente significativo em todas as comunidades culturais.

PROCEDIMENTOS METODOLOGIA

Os dados analisados nesta pesquisa foram seleccionados na Televisão de Moçambique (TVM) e na TV Miramar. A selecção

destes meios reside no facto destes terem uma cobertura significativa no cenário nacional e o facto de serem audiovisual permite incluir uma grande parte da população que não sabe ler nem escrever em língua portuguesa. Foram seleccionados 19 reportagens acessadas na plataforma Youtube, onde catorze reportagens foram da TVM e cinco reportagens da TV miramar. Como ilustra a tabela 1, abaixo, o critério da selecção do material a ser analisado foi na base da sua disponibilidade no youtube, razão pela qual a Miramar apresenta menos reportagens do que a TVM.

Tabela 1: títulos das reportagens publicadas pelas três televisões

TVM	Dia	TV miramar	Dia
FDS afirma que os terroristas temtêm sido seletivos nos alvos em cabo Delgado	10/08/2021	Terrorismo em Pemba: 21 pessoas sequestradas foram resgatadas em cabo Delgado	13/01/2021
Capturados em cabo delgado alguns líderes mais próximos de Bonomade Omar tido como comandante sénior	12/08/2021	Terrorismo em cabo Delgado.	17/11/2020
Terroristas degolaram 12 cidadãos estrangeiros no hotel Amarula em Palma.	dia 08/04/2021	Terrorismo em cabo Delgado	24/01/2022
Terroristas cada Terroristas cada vez mais confinados nas matas e alguns estão em fuga em cabo Delgado	21/08/2021	População de Ancuabe em fuga de paz	08/06/2022
FADM desbloqueiam estrada Macomia-Awasse, em cabo Delgado. NoticiaNotícia	17/08/2021	Nyusi interage com deslocados em Niassa	21.01.2022
Fuzileiros navais moçambicanos contam como foi o ambiente no Porto de Mocimboa da praia			10/08/2021

Distrito de Macomia em cabo Delgado: Sara Adamo viu terroristas a esartejarem os irmãos	28/02/2021
Capturados 2 menores terroristas no interior do distrito de Macomia	28/12/2021
Força de defesa e segurança libertam dos terroristas o posto administrativo Pundanhar em Palma, cabo Delgado	20/02/2022
FDS abatem 7 terroristas e consolidam a ocupação da base de comunicação do grupo All sunna wa jamma'h	20/02/2022
Terroristas davam de beber sangue humano as crianças, diz rapariga vítima do terrorismo.	20/10/2021
23 terroristas mortos em cabo Delgado: FADM e SAMIM relatam 3 óbitos e 6 soldados feridos	23/12/2021
Histórias de terror Mocimboa da praia	28/02/2021
Em palma: Militares determinados em Aniquilar os terroristas, apesar de poucos	05/04/2021
Tvm testemunhou corpos de terroristas espalhados pela vila em palma, cabo Delgado	05/04/2021

Fonte: elaborado pelos autores de acordo com as reportagens seleccionadas

No que concerne a análise dos dados, em primeiro lugar, seleccionamos as reportagens que abordam a situação militar de Cabo Delgado. Feita a selecção transcrevemos em verbatim as reportagens. Nesta transcrição, aproximadamente, 27 páginas foram analisadas recorrendo a análise de discurso. O emprego da Análise do Discurso (AD) para o presente artigo justifica-se pela necessidade de apontar as estratégias de construção do discurso noticioso usado pelas televisões em estudos e para identificar as marcas ideológicas presentes na construção do discurso informativo sobre o conflito político-militar entre o governo e a Renamo. Assim sendo, socorremo-nos da abordagem de Soares (2009), que segundo este a análise do discurso informativo pode assentar nos seguintes aspectos:

- **Semânticos**-principais percursos semânticos intradiscursivos; principais estratégias de persuasão: selecção lexical e selecção de personagens/ Fontes, relação entre explícitos e implícitos

e silenciamento; e principais oposições discursivas (Soares, 2009).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Para análise dos dados expostos na metodologia elencou-se em três categorias semânticas e discursivas empregues pelas três televisões na representação do conflito político-militar em Cabo Delgado, Moçambique, a saber: principais percursos semânticos, principais estratégias de persuasão e principais oposições discursivas.

PRINCIPAIS PERCURSOS SEMÂNTICOS

Nesta categoria apresenta-se os aspectos intradiscursivos que dizem respeito ao conjunto de termos usados pelas três televisões para caracterizar a situação e os envolvidos na ação, como mostramos a partir da tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Percursos semânticos

Percursos Semânticos	
TVM	TV Miramar
Terroristas	Terroristas
Destruição	Insurgentes
Saqueamento	Raptadas
Insurgentes	Invadida
Dramático	Tratamentos cruéis
Horrores	Brutalidade
Inimigo	Ataque bárbaro

Maldosos	
----------	--

Fonte: Autores baseados nos percursos semânticos encontrados

As duas televisões apresentam perspectivas semelhantes sobre o mesmo acontecimento. Essa semelhança é ilustrada através da forma como os “outros” são adjectivados: insurgentes; terroristas, brutais, etc. Assim adjectivados, remete-nos à terceira e quarta razão apontada por Robinson (2004), no qual em tempo de conflitos os órgãos de comunicação tendem a defender ou “apoiar nossas tropas”. Mas, também, se conteúdo crítico ou controverso for disseminado gera um grau desproporcional para o governo de dia o que pode resultar em o órgão ou o jornalista ser considerado como antipatriota. Assim agindo, a mídia foca na guerra e não na paz como coloca, pois, focar na paz exige que os editores em situação de guerra devem disseminar conteúdo que visa criar oportunidade, onde a sociedade valorize a não violência. (Lynch e MCgoldrick, 2007).

PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE PERSUASÃO

No que concerne às estratégias de presunção podem-se verificar preferências e tendências na selecção das autoridades militares e governamentais para falarem sobre o que está a acontecer em Cabo Delgado. Muitas vezes, o jornalista não tem alternativa de selecção de fontes de informação sobre o conflito entre os terroristas e as forças governamentais. São as autoridades que definem quando e o que o jornalista deve publicar e como publicar. A independência jornalística como princípio defendido por Kovach e Rosenstiel é colocada de lado. A credibilidade ficava a cargo dessas fontes consultadas como ilustram as reportagens da TVM do dia 10/08/2021, onde o oficial das Forças de defesa e Segurança de Moçambique fala dos terroristas serem selectivos nos alvos em cabo Delgado. Noutra reportagem do dia 12/08/2021,

o oficial fala da captura, em Cabo Delgado, de alguns líderes mais próximos de Bonomade Omar tido como comandante sênior.

A população como fontes aparece de forma tímida nas reportagens da TVM como ilustra a reportagem do dia 28/02/2021 em que o repórter dá o seguinte título: “Distrito de Macomia em cabo Delgado: Sara Adamo viu terroristas a esquartejarem os irmãos”. Por seu turno, os trabalhos da Tv Miramar se baseiam mais na população como fontes como ilustram as reportagens do dia 13/01/2021, do dia 17/11/2020 e do dia 08/06/2022, em os títulos: “Terrorismo em Pemba: 21 pessoas sequestradas foram resgatadas em cabo Delgado”; “terrorismo em Cabo Delgado”; “População de Ancuabe em fuga de paz”, Respectivamente.

O facto da TVM optar como fontes as autoridades oficiais do exército pode ilustrar uma clara exclusão das outras partes o que pode levar à conclusão de que, por um lado, a TVM não se preocupa com o contraditório, elemento basilar do Jornalismo, por outro lado, não se preocupava em cruzar as fontes trazendo apenas uma fonte. Ou seja, as vítimas não são dadas oportunidades para se expressarem ou contar a versão dos factos do que viveram ou vivem. Assim agindo, pode-se afirmar que há uma intenção de persuadir o leitor a seguir o discurso do governo e culpabilizar os insurgentes de todos os males que acontecem em Cabo Delgado. Ao isolar a população afasta a possibilidade de esta denunciar situações de abusos de autoridades militares estaduais. A questão de se seleccionar as fontes oficiais é descrita por Robinson (2004) como uma das primeiras razões que caracterizam o jornalismo de guerra, o que deixa de lado os critérios de noticiabilidade, construindo heróis e vilões. Este tipo de jornalismo é criticado por essa possibilidade de estimular os conflitos. Deste modo, Galtung (2003) afirma que um jornalismo responsável e imparcial é necessário na cobertura de conflitos militares, isto é, aquele que apresenta a situação crítica do conflito, informa a audiência as causas do conflito e as soluções possíveis. Na análise feita às reportagens das duas televisões, não são relatadas as causas do conflito o que não ajuda na sua solução.

No que concerne a Miramar, embora dê oportunidade para a população falar observa-se que selecciona fontes que confirmam

a narrativa hegemónica ou governamental. Isto pode resultar das intimidações sugeridas por alguns membros do governo e do partido ou necessidade de apoiar as tropas governamentais como Robinson (2001) argumenta. Estudo do MISA Moçambique (2021) confirma a existência de actos intimidatório aos jornalistas, o que leva a crer que esses actos também se estendem para as comunidades. Aliás, jornalistas entrevistados afirmam que em Cabo Delgado é muito difícil conseguir fontes para falar sobre o conflito, incluindo os refugiados. Há um forte controlo sobre os movimentos quer dos jornalistas como dos cidadãos.

SELECÇÃO LEXICAL

Nesta categoria foram analisadas as estratégias usadas para sedução do leitor através do emprego de termos dramáticos e vocábulos exagerados. Em relação ao léxico, na TVM é comum o uso de vocábulos dramáticos, exagerados, como: “Há coisas estranhas aqui na vila de Mocimboa da Praia onde encontrámos cenário de total destruição, mas, há casas, residências ainda intactas”, reportagem do dia 10/08/2021; “Terroristas degolaram 12 cidadãos estrangeiros no hotel Amarula em Palma”, reportagem do dia 08/04/2021; “Vamos ao cenário de devastação nesta torre de controle de aeroporto da vila de Mocimboa da Praia”, reportagem do dia 10/08/2021; “É desumano, violência brutal aquilo que está acontecer aqui em Cabo Delgado, é simplesmente terrível” reportagem do dia 28/02/2021.

Por sua vez, a TV Miramar publicou no dia 17/11/2020 “No mês de outubro a aldeia de Manica, posto administrativo de Mocoche, em Macomia foi invadida por terroristas”; “depois de me capturarem o chefe do grupo perguntou a outros membros se alguém tinha faca para decapitarem-me.”

Os resultados da pesquisa mostram que os vocabulários dramáticos foram usados com a intenção de seduzir o leitor como mecanismo de legitimar a narrativa hegemónica.

SILENCIAMENTO

O silenciamento como estratégia persuasiva consiste na selecção de personagens oficiais. Todavia, mesmo a Tv Miramar que traz a população como fonte de informação, estas pessoas são seleccionadas de modo que enriqueçam a narrativa hegemónica ou governamental. No seu percurso semântico as televisões adoptam o governo como mocinho e os insurgentes como vilões ignorando as diferentes visões que apontam as origens deste conflito conforme referimos anteriormente.

OPOSIÇÕES DISCURSIVAS

As oposições discursivas como categoria de análise dizem respeito à forma como a realidade é construída em cada televisão, ou seja, objetiva-se compreender se os discursos publicados por estes órgãos se opõem ou encontram-se, completam-se ou distanciam-se. A este respeito, Soares (2009) afirma que não há discurso que não se relacione com outros e mesmo que um discurso defenda determinada ideologia, traz em si fragmentos de outros discursos, seja a favor dela, seja contra.

Nos discursos da TVM e Tv Miramar pode-se ver uma tomada de posição. Todas as televisões apontavam os méritos do Governo de forma positiva. Elas o fazem influenciados pelas posições governamentais e pelo medo de serem considerados colaboradores de terroristas, de estar a fazer trabalhos para os terroristas, de serem antipatriotas. As ameaças, as agressões, as detenções e os raptos e desaparecimentos de jornalistas criam, no seio dos profissionais da comunicação social, um ambiente de elevada volatilidade e exposição a ataques, gerando medo e fazendo com que evitem fontes inconvenientes que os possam colocar sob o risco. (Robinson, 2001).

O mesmo medo é partilhado pelas fontes que acompanham o que acontece aos jornalistas. Tudo isso concorre para que a informação divulgada seja de romantismo ao Estado.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

As 19 reportagens disseminadas via youtube pela TVM e Tv Miramar sobre a representação do conflito-militar em Cabo Delgado foram analisadas recorrendo aos aspectos semânticos, onde foi possível observar que as duas televisões têm a mesma perspectiva. Em termos de personagens ou fontes, a TVM apresenta como fonte principal as autoridades militares e governamentais e de forma tímida as populações. A Tv Miramar, embora tenha como fonte as autoridades militares e governamentais. Mas apresenta também as populações como fontes justamente para legitimar a posição oficial. No que tange ao silenciamento, é explícito que os dois órgãos ignoram as fontes alternativas como especialistas em estudos de terrorismo, académicos, militares especialistas já na reserva, autoridades tradicionais. Nas oposições discursivas, as duas televisões convergem na forma de abordar o assunto, onde todas adoptam uma posição pró-governamental ou governista.

Um olhar mais atento às dinâmicas desses confrontos militares, traduz-nos a ideia de que, estes meios não estiveram ao serviço de um jornalismo de paz, pois a preocupação é apresentar os envolvidos um como heróis e outro como inimigo ou um a vencer e outro a ser derrotado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, Alessandra Vieira. Produção de Sentidos no Jornalismo sobre as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora). Jornadas de Estudo da língua, 2010

HABIBE, Saíde, FORQUILHA, Salvador e PEREIRA, João. Radicalização Islâmica no norte de Moçambique: O caso de Mocímboa da Praia. Maputo: Cadernos de IESE: IESE. 2019.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Editora PUC-Rio. Brasil. 2016

HALL, Stuart. The work of representation. In Hall, S. (ed.). *Representation: Cultural representations and signifying practices*. London: Sage. 13-76. 1997.

GALTUNG, J. Peace journalism. *Media Asia*. 2003. 30(3), 177-18.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo. O que os profissionais devem saber e o público deve exigir*. Porto: Porto Editora. 2001.

NHANALE, Ernesto e NHANTUMBO, Armando. *Os media e o conflito político-militar em Moçambique: a orientação para paz e o conflito nos jornais Savana e Domingo*. Comunicação & Sociedade. CEC. 2018.

NYGREN, et al. *Journalism in the Crossfire*. *Journalism Studies*. disponível em <file:///C:/Users/USU%20C3%81RIO/Desktop/JOURNALISM%20CROSSFIRE.pdf> acessado em 19 de maio de 2022.

OLIVEIRA, Joelma. O discurso jornalístico e a produção de sentidos: vá criança e o adolescente na mídia impressa. *Revista eletrônica Temática*, Novembro, 2009.

OLIVEIRA, Pedro Júlio Santos de, MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. *Ethos e embates ideológicos no discurso jornalístico: uma análise crítica da reportagem do Fantástico sobre o uso do Santo Daime por presos em Rondônia*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015;

OSORIO, Conceição e SILVA, Teresa Cruz e. *Silenciando a discriminação: Conflitos entre fontes de poder e os direitos Humanos das mulheres em Pemba*. WLSA-Moçambique, Maputo: 2018

ROBINSON, Piers. *Researching US Media-State Relations and Twenty-First Century Wars.* In *Reporting War. Journalism in Wartime*, edited by S. Allan, and B. Zelizer, 96–112. London and New York: Routledge. 2004.

SOARES, Maria Juliana Horta. Linguagem e ideologia no discurso jornalístico: o noticiário sobre transporte e trânsito no estado de minas (1955-1956 e 2005-2006). Uberlândia, 2009.

SCHWAAB, Reges e ZAMIN, Ângela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. *Vozes e Dialogo*, Itajaí, 2014

VAZ, Egídio. Abaixo Xiconhoca. Maputo, 8 Setembro 2022. Facebook: <https://web.facebook.com/egidiovaz>. Acessado em 8 Setembro 2022.

VAZ, Egídio. Não fiquem inocentes em apoio ao terrorismo. Maputo, 7 Setembro 2022. Facebook: <https://web.facebook.com/egidiovaz>. Acessado em 8 Setembro 2022.